

Wilson Figueiredo *

Quem disse que não compensa? Consumado o crime, o semblante reanimado do presidente Sarney indica o contrário, embora por enquanto não seja mais do que um quarto do sorriso do animador Silvio Santos. Já está aí.

A animação é geral nas duas mãos das pesquisas. Enquanto um vai e os outros voltam, percebe-se melhor que o crime, quando bem executado, compensa fartamente os riscos. Quem duvidar é só perguntar a Ronald Biggs, aquele inglês do assalto ao trem pagador, que não esconde os sinais exteriores do sucesso.

Pode-se suspeitar (favoravelmente, claro) de Sarney em relação a muitos fatos desta sucessão que ele preferia ter deixado para o ano que vem. Já que veio antes, paciência. Fez agora o que podia: com um discreto veto presidencial, deixou aberta a porta para a passagem dos candidatos retardatários. Contava certo com a conivência interessada dos grandes e pequenos partidos, que só pensam na próxima eleição. O veto ficou.

É injusto suspeitar de preferência pessoal ou literária de Sarney por Silvio Santos. A intenção de voto do presidente era outra, mas a necessidade falou mais alto e preferiu um candidato mais

baixo. Sarney não fazia questão de subir no palanque de um candidato, mas se achava merecedor de certa consideração como estadista nas horas vagas. Houve gente melhor em cogitação, mas ninguém - diria Sarney perante o tribunal da História - com tantos votos quantos se faziam necessários para criar um fato que, além de novo, fosse consumado.

Assim o presidente Sarney vem a ser - mais uma vez indiretamente, como é do seu destino - o brasileiro contemplado com o maior prêmio até hoje distribuído por Silvio Santos. Com a mão de escolher os piores, o destino - que havia trazido Sarney - foi buscar também longe o animador Silvio Santos para trocar sorrisos por votos no Brasil D-E do qual se sabe pouco, além de que é habitado por gente que vê televisão a tarde inteira de domingo, e no resto da semana faz trabalho sem qualificação. Gente que vive ao lado da gente - que se vacina mas não se politiza: a imunização é incompleta.

Quem ainda diz que não há crime perfeito? Poucos, mas há. Só que, sendo obra humana, está sujeito a falhas. Nem sempre a polícia chega ao criminoso. É preciso paciência. Muitas vezes é o criminoso que se oferece. Dizem que é irresistível porque o crime perfeito, enquanto a autoria permanece desconhecida, não satisfaz plenamente o cri-

minoso. O melhor do crime qualificado é a repercussão.

Sarney resistiu bem às primeiras insinuações que lhe creditaram a autoria intelectual do assalto à democracia. Não vê o fato por aí, mas como obra-prima da arte do possível. A distância entre ele e a classe média vai aumentando, perigosamente, cada vez mais. O seu álibi eleitoral pode ser virado pelo avesso: pouco antes de estourar o escândalo, Sarney (num daqueles seus vislumbres de estadista) encomendou a uma repórter no aeroporto uma pergunta para permitir-lhe, já com o pé no avião, a resposta enigmática: quem vencer a eleição toma posse. Pensou-se que o destinatário direto fosse Luis Inácio da Silva, e o indireto o presidente da Fiesp. Silvio Santos, no entanto, já estava implícito no sorriso de Sarney.

A perfeição do crime político recomenda o anonimato até que todos os efeitos cessem. O mais próximo de ser canonizado como obra-prima, com um toque de arte, é sem dúvida o projeto de

liquidar uma eleição com o próprio voto popular. Essa ninguém tira de Sarney. Nem Vargas conseguiu tanto com tão pouco. Precisou de uma ditadura para liquidar uma sucessão presidencial. Ao lado do golpe de 37 e da respectiva constituição (esta, sim) escrita por Francisco Campos, a obra-prima de Sarney não tem similar nacional ou estrangeiro: é criar uma candidatura para derrotar, mais que os concorrentes, a própria eleição."

O presidente é pós-graduado em crimes políticos perfeitos. O que o desagrada pessoalmente é que as suas grandes vitórias são registradas pela contra-história. Muito antes de ir buscar num auditório de televisão o candidato Silvio Santos - que confirma Sarney como o grande performático da Nova República - o presidente já portava o título de vencedor da maior batalha parlamentar do nosso tempo: comandou as tropas civis do regime militar no Congresso, e impediu, porém, a exploração da autoria do feito. Aquela altura as tropas parlamentares do

regime militar já não estavam tão coesas. Sentiam no ar o cheiro de eleição, que é a pólvora política. Sarney não recusou a sua assinatura no episódio, mas não incluiu o troféu no seu currículo.

Pouco depois, aliás, dava adeus às armas e embarcava com a bagagem na candidatura de Tancredo Neves. Senso de oportunidade é com ele mesmo. A eleição já estava adiantada, embora menos que agora. Contribuiu com a banca da cisão. Duas vitórias em uma são uma proeza: Sarney manteve a eleição indireta e veio a ser, logo em seguida, o seu maior beneficiário. Queria apenas o perdão oposicionista e acabou presidente. (Péssimo presidente, por sinal).

O título de autor intelectual do crime ele terá mais cedo do que as consequências. Foi dele, sem a menor dúvida, o cálculo que lhe valeu - à esquerda - a neutralidade dos supostos favorecidos pela queda de Collor de Mello nas pesquisas. Só depois de algum tempo, absorvido o susto, os candidatos que se engalfinham pela segunda vaga perceberiam que, sem se dar conta, já estavam disputando o terceiro lugar - que não dá acesso ao segundo turno. Precisariam ainda de alguns dias para perceber que não poderia ser bom para todos o que parecia mau apenas para Collor de Mello. Sarney contava com isso para firmar o sorriso do animador.

Os amigos do presidente (e o próprio, por que não?) contavam com tudo isso, e esperam mais. Se o líder das intenções de votos retinha desde o começo a preferência dos brasileiros tipo D e E - mesmo sendo um estranho no bolsão social deles - era recomendável começar por aí. Nada de candidato articulado. Só, seria ouvido quem falasse mais alto que Collor de Mello ao inconsciente coletivo, e pelo lado antidemocrático que se exprime em desprezo pela política e desprezo pelos políticos. Silvio Santos não veio: estava aí, ao alcance, desde muito antes. Recusou a primeira e ficou esperando.

À direita, Sarney acenou discretamente, com um gesto que ela apanhou no ar: o rebaixamento dos candidatos da esquerda nas pesquisas era um bom negócio. A pequena burguesia, porém, se ofendeu. É ela que, pelo menos, engrossa a opinião pública. Engoliu a derrota das diretas já, de sobremesa a posse de Sarney e tomou o café frio - os cinco anos para ele. E agora Silvio Santos?

O arco eleitoral da sociedade, que executava a partitura das pesquisas, agora subiu ao convés e passou a fazer como a orquestra do Titanic - que não deixou de tocar enquanto o navio afundava.